

Política

www.twitter.com/gazetapolitica

Ritmo.

De acordo com o Instituto Jones dos Santos Neves, o Espírito Santo observou um declínio da pobreza mais acelerado do que no resto do país, entre 2001 e 2008. ■

Redução.

No país, o percentual de pobres caiu 1/3, de 38,7% para 25,3%; no Estado, caiu 50%, de 32,8% para 15,2% da população. São 500 mil capixabas a menos nessa condição. ■

DESAFIOS DO ESPÍRITO SANTO

NAS REGIÕES MAIS POBRES, OS EXCLUÍDOS DA POLÍTICA

Visitamos os municípios mais carentes para ouvir a expectativa do eleitor

VITOR VOGAS

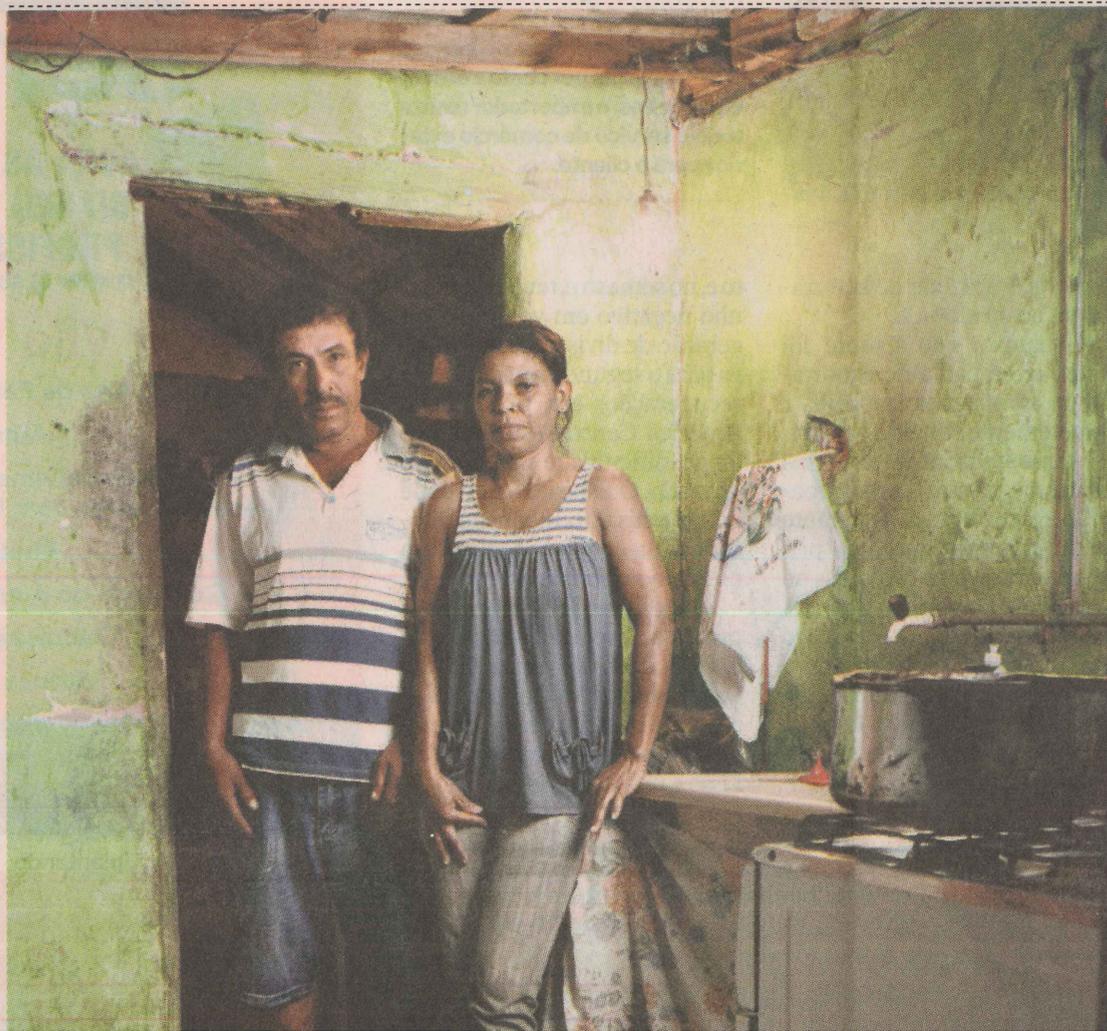
vogas@redgazeta.com.br

ELEIÇÕES
2010

■ A estrada que conduz a Pancas e Mantenópolis, na divisa com Minas Gerais a Noroeste do

Estado, revela uma das maiores belezas naturais do Espírito Santo – uma pausa nas infundáveis fileiras de plantações de café que dominam a paisagem. São os pontões rochosos, cadeia de pedras agudas que se elevam ao céu como se fossem os dedos de Deus. Na terra, porém, quando se chega a essas cidades, a beleza dá lugar à pobreza, e percebe-se que o dedo do poder público não está exatamente apontado para aquela direção.

Pancas e Mantenópolis fazem parte do grupo de municípios mais pobres do Espírito Santo, tomando por base o índice de incidência da pobreza calculado pelo IBGE. Incluindo essas duas, A GAZETA visitou seis cidades situadas nesse grupo, em três viagens realizadas entre junho e o início de julho, quando a campanha ainda não tinha começado efetivamente.



FOTOS: FÁBIO VICENTINI



DIFICULDADE. Aparecida e Elson: “Às vezes, a gente compra fiado um remédio e fica devendo. Às vezes, a gente passa sem”

de se que o poder público não está exatamente apontado para aquela direção.

Pancas e Mantenópolis fazem parte do grupo de municípios mais pobres do Espírito Santo, tomando por base o índice de incidência da pobreza calculado pelo IBGE. Incluindo essas duas, A GAZETA visitou seis cidades situadas nesse grupo, em três viagens realizadas entre junho e o início de julho, quando a campanha ainda não tinha começado efetivamente.

O material colhido nas viagens alimenta a série "Desafios do Espírito Santo", que tem início hoje, seguindo amanhã e no próximo domingo. Em cada cidade visitada, a reportagem ouviu relatos das pessoas que mais carecem de políticas sociais e serviços públicos básicos como Saúde, Segurança, Educação, geração de emprego e renda e incentivo à agricultura familiar.

Por meio da série, portanto, A GAZETA buscou identificar as necessidades dos "esquecidos" - definição usada pela moradora de Pancas Ediane Costa - e mostrar o que esses eleitores esperam dos próximos governantes, o que acham que devem priorizar ao olhar para aquelas regiões - um Espírito Santo diferente, que poucos devem conhecer.

Relativamente recentes e com população muito pequena, esses municípios estão longe de ser "autossustentáveis" do ponto de vista econômico. Suas receitas próprias são baixas, em termos absolutos e per capita. Suas prefeituras dependem fundamentalmente dos repasses dos governos federal e estadual para manter os serviços básicos oferecidos à população ou investir em melhorias estruturais. Quando se imerge na realidade local, fica fácil entender o porquê: a economia regional é muito pobre, o que fatalmente condena a maioria dos moradores ao mesmo adjetivo.

DEPENDÊNCIA

No caso de Pancas e Mantenópolis, as lavouras de café determinam não só a paisagem, mas também a economia da região, baseada exclusivamente na produção e comércio do produto-rei capixaba. Não há uma fábrica sequer. O café é tão emblemático que está até nas bandeiras dessas cidades. A baixa diversificação econômica reduz as opções de trabalho a uma só para a população mais humilde: colher café nas terras dos grandes proprietários, sujeitando-se a subempregos e relações trabalhistas que, em alguns casos, remetem aos tempos feudais.

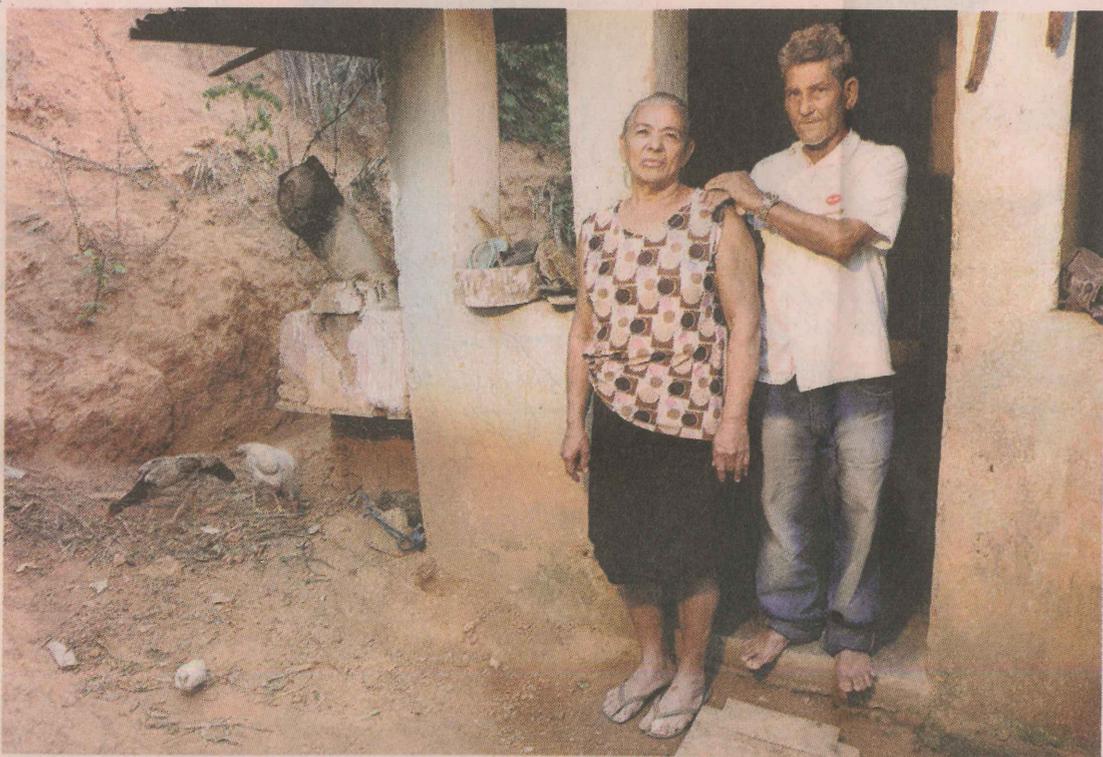


Maria reclama que os políticos só prometem

■ Moradora do bairro Bela Vista, Maria Francisca Silva (na foto, ao lado do marido, Valdecir da Silva) não pensa duas vezes ao desta-

car a área que o próximo governador deve priorizar. "Seria bom se tivesse mais opções (de emprego). Na época de 'panha' de café é que tem um trabalho melhor. Nossa cidade precisa de muito trabalho e de gente com coragem para trabalhar", avalia ela, que não pôde estudar e tra-

balha desde os 10 anos, como lavradora e diarista. Apesar da esperança simbolizada pela cor com que pintou sua casa, Maria não deposita tanta fé nos próximos governantes, como indica uma frase repetidamente ouvida pela reportagem: "Os políticos só prometem e não fazem nada".



Lorentina e José: filhos foram embora do país

■ Morando há 20 anos em Mantenópolis, os aposentados José de Souza Filho (70) e Loren-

tina Maria de Souza (61) ilustram outra situação muito corriqueira em Mantenópolis. Devido à carência de oportunidades, a cidade que "invade" o território mineiro vem se convertendo numa "Valadares capixaba". Sem perspectiva de futuro, muitos jovens

preferem ir ganhar a vida como imigrantes ilegais na Europa ou nos Estados Unidos, destino de três de seus 12 filhos e, mais recentemente, três netos. Os filhos mandavam dinheiro para que ele construísse as suas casas. "Muita gente aqui faz isso."



DIFICULDADE. Aparecida e Elson: "Às vezes, a gente compra fiado um remédio e fica devendo. Às vezes, a gente passa sem"

Na pobreza absoluta

950 mil
capixabas

■ Segundo o Ipea, esse era o número de pessoas vivendo assim no Estado, em 2008.

Na pobreza extrema

314 mil
capixabas

■ Era o número de pessoas vivendo assim no Estado em 2008, ainda segundo o Ipea.

O sonho de trocar a lavoura pelo emprego fixo

Na colheita do café, moradores compram em atacado, mas, no resto do ano, só restam "servicinhos"

■ Na fábula da formiga e da cigarra, a primeira trabalhava intensamente nos meses de "colheita" e estocava mantimentos para aguentar os meses de inverno. Em Mantenópolis, a reportagem descobriu que a vida proporciona uma encenação real da história, comum a muitos trabalhadores rurais e exemplificada pelo casal Elson Amâncio, 50 anos, e Aparecida Amâncio, 45. Como quase todos os moradores do bairro Bela Vista - um dos mais pobres da zona urbana -, eles trabalham como "diaristas" durante a colheita do café.

Sem emprego fixo, Elson só trabalha nas fazendas de café. Nas entressafas, faz uns "servicinhos" - capina e "cova" para plantar as sementes. Mas dinheiro mesmo só é possível fazer durante a colheita, que dura no máximo quatro meses por ano. E é aí que a fábula se concretiza. "É muito difícil. Na época da colheita, quando tem dinheiro, a gente faz as compras no atacado pro ano todo, de todos os mantimen-

tos: seis sacas de arroz (60kg cada); uma saca de feijão (60kg); 100 litros de óleo." E por aí vai.

"No resto do ano, a gente vai fazendo uns servicinhos, pagando contas de água e luz. Às vezes a gente compra fiado um remédio e fica devendo a farmácia, quando precisa, às vezes agente passa sem", explica o mineiro, morador de Mantenópolis desde os sete anos. Hoje ele pensa em fazer o caminho inverso. "Nós estamos arrasados aqui. Mantenópolis está péssimo, pelo amor de Deus. Aqui não tem nada. Dá até vontade de sumir deste lugar", desabafa.

No mesmo bairro, em uma casinha verde e bem cuidada, a moradora Maria Francisca de Melo Silva, 36 anos, exhibe, esticada na parede de sua sala, uma bandeira de Mantenópolis, mostrando a identificação com a cidade que escolheu para morar. Mas, sem deixar de lado a visão crítica, ela lista as medidas que considera necessárias por parte do governo. Ao lado de moradia e Educação, destaca exatamente as oportunidades de emprego.

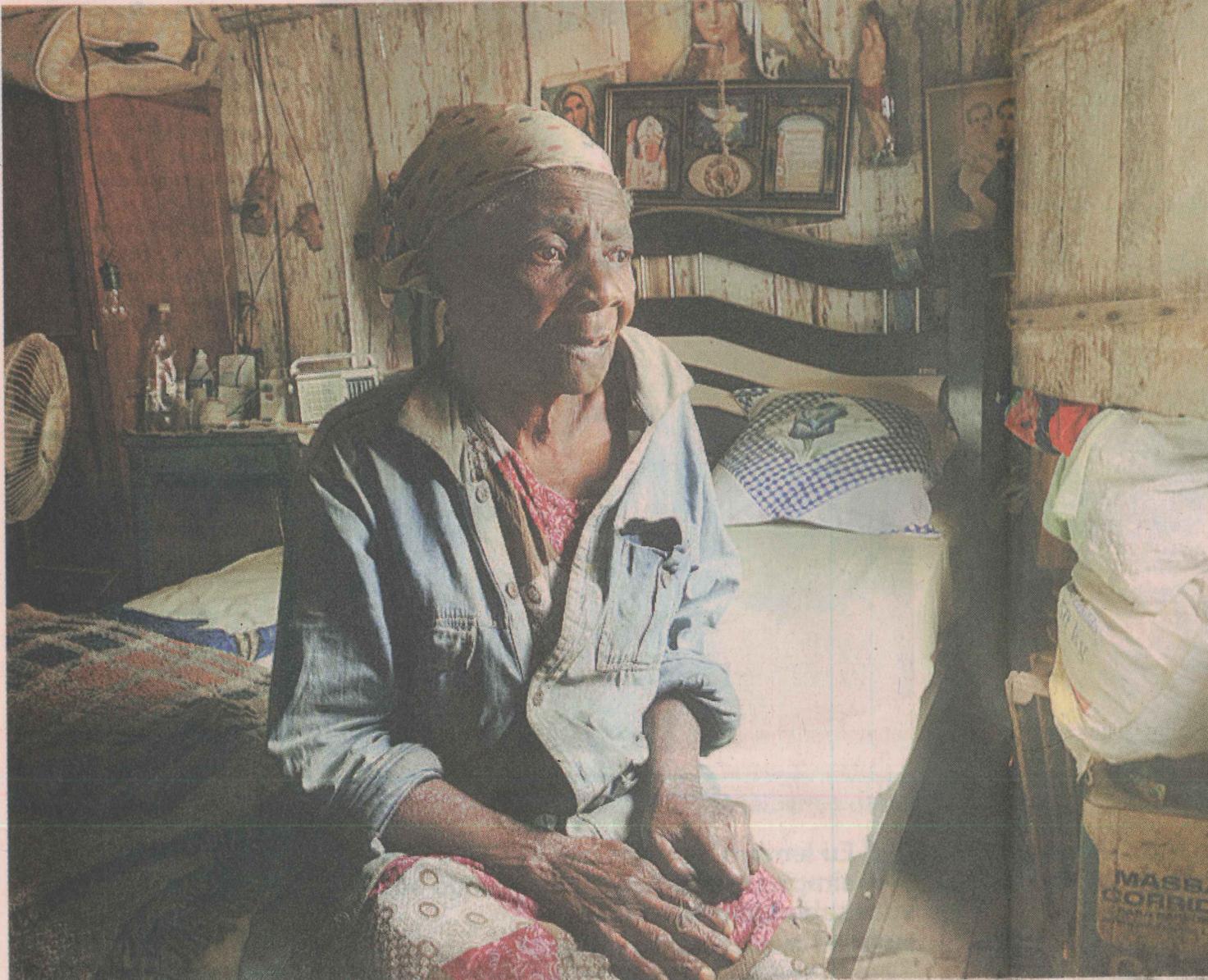
"Principalmente para os jovens, quando chegam aos 16 anos, por causa das drogas, neste mundo em que a gente vive."

AJ11789-2

DESAFIOS DO ESPÍRITO SANTO

Para quem não tem quase nada, um “remedinho” resolve

FOTOS: FÁBIO VICENTINI



José quer mais atenção aos agricultores

■ Aos 70 anos, Seu José Moreira – morador de um assentamento do governo federal em Pancas – cansou-se da vida de meeiro, condição em que trabalhou por décadas na fazenda de uma família tradicional da região. “Nossa vida era um aperto. Tinha que trabalhar todo dia de sol a sol. Precisava fazer o dele e o nosso, e não era dono de nada.” Hoje ele só cultiva a sua terra, plantando

e vendendo café, que este ano, reclama, não atingiu um bom preço. “Não dá pra fazer muito dinheiro, só uns R\$ 2 mil por ano. Para quem não tem dinheiro, você sabe, a coisa é difícil. É com a forcinha que Deus dá. Lutamos muito”, enfatiza ele, que enche a boca para dizer: “Sou capinador mesmo”. E, com todo esse orgulho, sua grande preocupação política só poderia mesmo dizer respeito aos agricultores como ele. “Precisamos saber quem são os candidatos. Nosso medo é que venha um que não olhe para os agricultores.”

OLHAR PERDIDO. Dona Elvira está distante do debate eleitoral, mas, se pudesse, pediria um “banheirinho” ao futuro governador

Sem acesso a serviços e distante da campanha, dona Elvira não pretende acompanhar a eleição

VITOR VOGAS

vogas@redgazeta.com.br

ELEIÇÕES 2010

■ Na zona rural de Pancas, a reportagem percorria uma estradinha de terra batida que corta uma

grande propriedade, no Córrego do Gambá, quando um casbre de madeira à beira da picada nos deteve. A princípio, o que chamou a atenção foram as bandeirolas de plástico em verde e amarelo tremulando timidamente na cerca de arame farpado. Mas, como logo vimos, as bandeirolas contrastavam ironicamente com o interior da moradia. Ao contrário do que elas indicavam, ali não habita a alegria, mas o sofrimento de uma família miserável, como tantas outras da região. Ali vivem, ou melhor, sobrevivem, em condições absolutamente precárias, Elvira da Conceição e seu filho Sebastião.

A casa, construída e emprestada pelo proprietário, está em tal estado de decomposição que corre o risco de soterrá-los a qualquer momento. Todo o consumo de energia da família se resume a duas lâmpadas e uma geladeira. Mesmo assim, eles são obrigados a pagar R\$ 25,00 de eletricidade, todo santo mês, diretamente ao fazendeiro, que se encarrega de fazer a cobrança no lugar da Escelsa. Eles não fazem a menor ideia de quanto consomem por mês. Água? “Tem que subir o morro para buscar.” Banheiro? “Tem que ir nos matos, chovendo.”

Depois de anos de trabalho na lavoura dos outros, Dona Elvira, 65 anos, sofreu



um derrame que lhe tolheu boa parte dos movimentos. Hoje, passa os dias sentada no banquinho junto ao fogão à lenha, de onde tem a vista estática que a janela da cozinha lhe proporciona.

“Eu, se tivesse condições, já tinha alugado uma casa no centro, mas, com o dinheirinho que recebo, só dá para comprar um remedinho”, contou ela, que, sem poder se locomover direito, não vai votar nas eleições de outubro. Sem acesso a meios de comunicação, também não vai poder se informar sobre os candidatos. Mas e se pudesse falar com o próximo governador? O que ela gostaria de pedir? “Tratamento, remedinho, saúde, pelo menos um banheirinho...”

SEBASTIÃO

Octogenário, o marido de Dona Elvira trabalhava na “lavra” – aquela era uma região de extração de pedras preciosas, como águas marinhas. A idade, a saúde debilitada ao longo dos anos de garimpo e o escassea-

mento das pedras o levaram a deixar a atividade. A renda da família, então, fica toda nas costas de Sebastião. Aos 34 anos, ele se desdobra entre os cuidados com a mãe e a labuta na roça do “patrão”.

Como meeiro, Sebastião trabalha para o dono das terras e para si mesmo. Mas o trabalho na roça do proprietário vem em primeiro lugar. Pela labuta de cada dia, sem carteira assinada ou qualquer direito trabalhista, ele recebe uma diária de R\$ 10,00 – quando o normal, segundo o sindicato dos produtores rurais de Pancas, seria R\$ 30,00 por dia. No pouco tempo que lhe sobra, trabalha em um pequeno roçado que o “patrão” lhe permite cultivar. Mas metade de tudo o que ganha com a venda da parca produção fica nos cofres do fazendeiro.

“É muito pouco que dá, moço. Não dá para tirar nada no fim do mês”, lamentou o agricultor, que “gostaria demais” de ter o próprio lote e a própria casa.

Valdineia reclama: “Aqui precisamos de tudo”

■ Com um filho de um ano no colo e grávida do segundo, Valdineia Pereira Rosa, 32, se preocupa com as crianças no bairro Nilton Sá, em Pancas. “Aqui precisamos de tudo. As ruas não têm calçamento, tem muita poeira e pernilongos. As crianças ‘vevem’ gripadas. Esse trem é uma bagunça. E os políticos só vêm aqui na época da política (isto é, das eleições)”, reclama ela. Outro problema que aponta é o difícil acesso à Saúde Pública. “Meu parto foi natural, mas, se você precisar de cesariana, tem que ir para Colatina.”

Índice de pobreza

■ O critério adotado para a escolha das cidades que fazem parte da série foi o índice de incidência da pobreza, calculado pelo IBGE com base em informações do Censo do ano 2000 cruzadas com as da Pesquisa de Orçamentos Familiares 2002/2003.

■ Esse foi o dado mais recente e confiável encontrado para se medir a pobreza específica de cada município brasileiro. Para efeito de comparação, o Índice de Desenvolvimento Humano Municipal (IDH-M) mais recente, calculado pela ONU, data do ano 2000.

■ É importante ressaltar que, em 2003, o atual governo estava apenas começando e, desde então, obteve avanços na erradicação da pobreza. Mas, como a série se propõe a mostrar, os desafios persistem.

■ Entre os municípios mais pobres, estão Mantenedópolis (2º) e Pancas (13º).

Locais sem eletricidade e sem água encanada

Agricultor vive como um eremita em uma clareira no meio da mata, a 12 km do centro de Pancas

■ Quando a reportagem esteve em sua “casa” – na verdade, uma barraca de lona –, João Ladir, 63 anos, vestia uma camisa de futebol, traindo sua grande paixão. No entanto, em plenos dias de Copa do Mundo, o agricultor não conseguia ver os jogos. “Só pelo radinho de pilha.” Desde 2006, ele vive como um eremita em uma clareira no meio da mata, a 12 quilômetros do centro de Pancas. O terreno na Cabeceira de São José foi desapropriado pelo governo federal. Mas ali ainda não chega eletricidade, muito menos água encanada, só mesmo um filete d’água onde ele lavava as roupas.

Mesmo assim, Ladir prefere esperar o financiamento do governo para construir a própria casa e cultivar a própria terra. Das 32 famílias originais no terreno, só restaram seis. Enquanto a verba não chega, ele vai “levando” como todo mundo: “panhando” café em uma fazenda, a 1h20 de sua casa. Todo dia, faz o caminho a pé. “Trabalho aqui é difícil”, afirma.

Em Mantenedópolis, o lavrador José Nilson vive situação parecida. “Não acho serviço. A região é ruim demais. Os proprietários dão conta. Estou aqui porque ganhei um lote, mas não gostei, não. A gente tem a terra, mas não tem estrutura. Procuo aqui e ali e, quando acho, é trabalho de dois dias”, reclama, com mulher e dois filhos pequenos para sustentar.

“Para os políticos, isso aqui não existe”

Líder comunitária chega a comparar o bairro onde mora, em Pancas, a um “chiqueiro”

■ Em Pancas e Mantenedópolis, a economia está no campo, mas quem não tem o próprio quinhão de terra acaba se instalando na área urbana, dando origem a autênticos bairros periféricos, por menor que seja a cidade.

É o caso do bairro Nilton Sá, logo à entrada de Pancas. É difícil saber por onde começar a enumerar os problemas, mas a líder comunitária Ediane Costa, 32, resume. “Para os políticos, isto aqui não existe. É um lugar isolado.” Ela diz que gostaria de conversar com o próximo governador sobre o bairro. “Diria para olhar a comunidade. Tem gente vivendo aqui. Mas é como se estivéssemos esquecidos, como se não existíssemos. Estamos presos dentro de um chiqueiro.”

De fato, as ruas ali não têm calçamento, e a rede de esgoto desemboca em um terreno no centro do próprio bairro. Ediane recorda que, há alguns meses, o governador lá esteve para a inauguração do Centro de Referência de Assistência Social. Segundo ela, nesse dia (e só nesse dia), a prefeitura maquiou o estado das ruas esburacadas.

Sem saber que haverá eleições em outubro, Maria Helena Alberto, 53, fez coro com a vizinha. “O município é muito pequeno. Mas por isso mesmo é que seria mais fácil resolver os problemas. O povo deveria tomar vergonha e votar em quem tem interesse. A gente só existe na época da eleição.”